OPEN ACCESS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PUCRS

TEOCOMUNICAÇÃO
Revista da Teologia da PUCRS

Teocomunicação, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 1-5, jan.-dez. 2026
e-ISSN: 1984-7726 | ISSN-L: 0101-3335

RECENSÕES E RESENHAS

HAN, Byung-Chul. *Sobre Dios*: pensar con Simone Weil. Barcelona: Paidós, 2025

HAN, Byung-Chul. On God: Thinking with Simone Weil. Barcelona: Paidós, 2025

HAN, Byung-Chul. Sobre Dios: pensar con Simone Weil. Barcelona: Paidós, 2025

Evilázio Francisco Borges Teixeira[1]
orcid.org/0009-0000-2307-7455
vila@pucrs.br

Recebido em: 01 jul. 2026.
Aprovado em: 04 set. 2026.
Publicado em: 29 out. 2026.

Resumo: Esta resenha apresenta a obra *Sobre Dios: pensar con Simone Weil*, de Byung-Chul Han, destacando sua leitura filosófico-mística da pensadora francesa como chave interpretativa para diagnosticar as feridas espirituais da contemporaneidade. O texto evidencia que Han mobiliza os conceitos de atenção, descriação, vazio, silêncio, beleza, dor e inatividade para criticar uma cultura marcada pela distração permanente, pelo consumo, pela autoexploração e pela perda do sentido transcendente. A resenha mostra que, em diálogo com Weil, a crise religiosa atual não se reduz à perda de dogmas ou de pertença institucional, mas envolve o enfraquecimento da capacidade contemplativa, do silêncio interior e da abertura ao outro. Ao final, ressalta-se que a obra propõe uma espiritualidade da renúncia, da atenção e da inatividade, capaz de reeducar o olhar humano diante de Deus, do mundo, da dor e da beleza, sugerindo uma crítica ética à positividade compulsiva e, de forma mais ampla, ao esvaziamento espiritual contemporâneo.

Palavras-chave: Byung-Chul Han; Simone Weil; espiritualidade; atenção; contemporaneidade.

Abstract: This review presents Byung-Chul Han's *On God: Thinking with Simone Weil*, highlighting his philosophical-mystical reading of the French thinker as an interpretive key for diagnosing the spiritual wounds of contemporaneity. The text shows that Han mobilizes the concepts of attention, decreation, emptiness, silence, beauty, pain, and inactivity to criticize a culture marked by permanent distraction, consumption, self-exploitation, and the loss of transcendent meaning. The review demonstrates that, in dialogue with Weil, the current religious crisis is not limited to the loss of dogmas or institutional belonging, but involves the weakening of contemplative capacity, inner silence, and openness to the other. Finally, it emphasizes that the work proposes a spirituality of renunciation, attention, and inactivity, capable of reeducating the human gaze before God, the world, pain, and beauty, while suggesting an ethical critique of compulsive positivity and, more broadly, of contemporary spiritual emptiness.

Keywords: Byung-Chul Han; Simone Weil; spirituality; attention; contemporaneity.

Resumen: Esta reseña presenta la obra *Sobre Dios: pensar con Simone Weil*, de Byung-Chul Han, destacando su lectura filosófico-mística de la pensadora francesa como clave interpretativa para diagnosticar las heridas espirituales de la contemporaneidad. El texto evidencia que Han moviliza los conceptos de atención, decreación, vacío, silencio, belleza, dolor e inactividad para criticar una cultura marcada por la distracción permanente, el consumo, la autoexplotación y la pérdida del sentido trascendente. La reseña muestra que, en diálogo con Weil, la crisis religiosa actual no se reduce a la pérdida de dogmas o de pertenencia institucional, sino que implica el debilitamiento de la capacidad contemplativa, del silencio interior y de la apertura al otro. Finalmente, se subraya que la obra propone una espiritualidad de la renuncia, de la atención y de la inactividad, capaz de reeducar la mirada humana ante Dios, el mundo, el dolor y la belleza, sugiriendo una crítica ética a la positividad compulsiva y, de manera más amplia,

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença CC-BY 4.0, que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

[1] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

al vaciamiento espiritual contemporáneo.
Palabras clave: Byung-Chul Han; Simone Weil; espiritualidad; atención; contemporaneidad.

Com o título original em alemão *Sprechen Über Gott* e recentemente traduzida para o espanhol como *Sobre Dios*, a obra de Byung-Chul Han surpreende mais uma vez. Nela, o autor explora conceitos fundamentais de Simone Weil – filósofa e mística francesa que viveu no período sombrio do Holocausto e da Segunda Guerra Mundial –, como **atenção, descriação, vazio, silêncio, beleza, dor e inatividade**.

Para o escritor coreano-alemão, Simone Weil é a pensadora mais importante e frutífera do século XX. Por meio desses conceitos, Han identifica as feridas espirituais de nossa época e as possíveis formas de saná-las. As ideias de Weil, segundo Han, transformaram sua maneira de pensar há algum tempo, não a partir de uma simples leitura, mas de uma experiência íntima – como se as palavras de Weil tivessem se instalado em seu interior e começassem a falar em sua própria voz; como se suas ideias já estivessem presentes, mas ele não conseguisse expressá-las até então.

Logo na introdução (p. 10), ele afirma sentir por Simone uma profunda amizade de alma e, embora separados por mais de um século, Han percebe que pode usar o pensamento dela para ir além da imanência de uma alegria vazia, da produção e do consumo, da informação e da comunicação. Em Simone Weil, pode-se vislumbrar uma transcendência que nos resgata de uma vida completamente desprovida de sentido, de uma rotina vazia de mera sobrevivência, da mortificante falta de ser, permitindo-nos desfrutar da alegria e do gozo de uma vida plena.

Ao abordar a **atenção** (p. 12-36), o autor afirma que o problema da religião em nosso tempo não é meramente uma questão de dogmas ou de perda de fé, nem se explica pelo fato de a Igreja ter deixado de inspirar confiança. Seguindo os passos de Simone Weil, Han insiste que há algo mais profundo e estrutural: a erosão de nossa capacidade de atenção. Não se trata da "morte de Deus" de Friedrich Nietzsche, mas da morte do ser a quem Deus um dia se revelou e que hoje vive em um estado de distração permanente, saltitando de um estímulo a outro.

A atenção se torna escassa diante da necessidade de uma vida contemplativa, essencial para o espírito, sendo substituída por uma voracidade que consome incessantemente. Simone Weil propõe uma espécie de "jejum da alma", pois somente uma alma jejuante é capaz de contemplar. Assim como o corpo em jejum se alimenta de si mesmo numa espécie de autofagia, a alma deve se privar de distrações para nutrir sua parte divina. Se tudo se resume a consumir e preencher, a contemplação esvanece e nos escapa.

Um caminho possível é libertar-se da imaginação, uma armadilha do ego que produz um banquete interminável de fantasmas e nos impede de ver as coisas tais como são. É o que Weil chama de "gravidade da alma" – uma força que nos puxa para baixo e nos afasta do alto. A atenção se converte em caça, distinta da atenção religiosa, que não busca nem persegue e se manifesta, sobretudo, na imagem das mãos que se juntam em oração, sem se apegar a nada, indo na contramão de uma sociedade adicta à busca por mais dopamina.

Adicção e atenção são polos opostos. Para Simone, o bem é tudo aquilo que não rompe a atenção, enquanto o mal é tudo o que seduz e divide. Minutos de atenção valem mais do que muitas obras, pois ela destrói, pouco a pouco, aquilo que é falso. Não se trata de uma atenção ativa, mas de uma atenção de espera, presente no Evangelho, em que a graça não se obtém por esforço, mas por disponibilidade. Nossa atenção fragmentada nos afasta da religião como *relegere*; a falta de atenção nos afasta de Deus, mas também dos demais.

A atenção tem a ver com um olhar que se esvazia de si mesmo e de seu ego, para receber plenamente o outro sem julgá-lo ou dominá-lo. Trata-se de um olhar sobrenatural, distinto de um olhar de poder que domina a lógica do mercado e do mundo, em que a própria espiritualidade pode ser absorvida pelo mercado. Quando o ego é o centro, o sagrado se reduz ao consumo, e a crise da religião é também uma crise de criatividade, empobrecendo a arte e o pensamento. Num

mundo sem atenção, não é o divino que morre, mas nós que deixamos de vê-lo.

O conceito de **descriação** é abordado entre as páginas 37 e 50. Para Simone Weil, trata-se de um conceito luminoso, que significa devolver o criado ao não criado, elevando-nos para além do ato da criação. Novamente, a renúncia do eu se coloca como condição para participarmos de sua potência criadora. Numa interpretação que beira a mística em Simone, participamos da criação quando nos entregamos totalmente a Deus. A descriação implica atravessar uma realidade mais alta e esvaziar-se como ponto de partida de toda a mística. É morrer para despertar a verdadeira existência, assim como o grão de trigo, que morre para dar vida.

Mesmo a dor, segundo essa visão, adquire um novo sentido, não como castigo, mas como uma lição de que não somos nada. A descriação funciona como uma ponte entre Deus e o mundo. A excessiva centralidade do eu, em que o ser humano se apresenta como uma marca de si mesmo, nos separa da verdadeira criação, pois a verdade genuína nasce da renúncia e não da autoafirmação. Weil nos interpela a abraçar a criação como uma graça. Ou "destruímos o eu em favor do universo, ou destruímos o universo em favor do eu".

Precisamos nos esvaziar para que Deus possa contemplar sua obra; precisamos renunciar à dominação para ver as coisas como são – é isso que nos libertará do passado e do futuro e nos ajudará a viver integralmente o instante, em que a renúncia do desejo se converte em alegria pura. A descriação não é uma submissão servil; Deus não governa como um senhor, Ele é amor. Quem obedece por amor para que Deus se revele torna-se transparente como um cristal puro, para que a luz divina se manifeste sem obstáculos.

Han aprofunda o terceiro conceito de Simone Weil (p. 51-67), o do **vazio**, descrito como um movimento divino contrário às leis naturais. A graça implica um vazio que a receba. O vazio permite o perdão, que não exige nada em troca. É um dom que não espera retorno, um amor que se entrega sem condições. Aceitar o vazio interior é um ato sobrenatural, um desprendimento radical, que abre espaço respirável para além da asfixia da lógica da utilidade.

O mandato bíblico "amar-vos uns aos outros" é entendido por Weil como uma amizade pura, um amor que não impõe posse sobre o outro, mas é universal e sem fronteiras. Contra a necessidade de simetria, que implica responder ao dano com dano, Simone propõe o vazio, em que o perdão não significa restituir, mas entregar-se sem condições e absolver o outro e a si mesmo de uma dívida imaginária. Isso implica aceitar o outro sem impor-lhe minhas interpretações nem meus desejos. Aqui, a compaixão abraça tudo o que existe. Todos os pecados, para Weil, têm a ver com "tapar" um vazio, que resiste à sedução e se abre à plenitude real e receptiva, em que o vazio é preenchido pela presença de Deus, e a última instância da vida é um aprender a morrer.

Sobre o **silêncio** (p. 67-77), sua perda se insere na crise da religião na modernidade – em uma era dominada pelo ruído. Nietzsche dizia que o ruído matou a Deus. Num mundo transformado em mercadoria, em que todos gritam para chamar a atenção, a vida se transforma num negócio em que cada pessoa se converte em vendedora ambulante. Para Byung-Chul Han, o capitalismo não valoriza o silêncio, pois o ruído gera capital e produz riqueza. O silêncio não produz ganhos; as exigências constantes de renda geram um ruído interno na alma, que termina por adoecer.

Esse ruído interno, provocado por uma compulsão, é mais danoso do que o externo, pois não permite que a alma descanse, levando a um esgotamento emocional que nos impede de penetrar nesse silêncio interior capaz de gerar felicidade. Weil afirmava que não há felicidade comparável ao silêncio interior. O Espírito necessita desse silêncio para receber algo totalmente diferente. Nesse estado, a contemplação não busca resultado algum, senão o de estar ali, integralmente presente.

A poesia é um exemplo de como a linguagem pode entrar num estado contemplativo. Somente quando o espírito se esvazia e renasce do silêncio pode ser receptivo a algo verdadeiramente diferente. Somente uma experiência profunda do silêncio, aquela em que estamos plenamente

presentes, pode nos aproximar de Deus. O silêncio das coisas e dos sons é um reflexo do silêncio divino. Escutar esse silêncio é escutar a Deus em tudo o que nos rodeia.

Hoje em dia, rezar torna-se inoperante, pois estamos bombardeados pelos ruídos da informação. Fechar os olhos e descansar torna-se uma dificuldade, pois nos sentimos sempre em estado de voracidade, à espera de estímulos. Fechar os olhos é também permitir o silêncio. Essa "obesidade da alma" impede que o silêncio penetre em nosso interior. O silêncio não representa uma falta, tampouco é uma ausência de sons; ele é uma extensão do infinito. O silêncio do mundo, por mais belo que seja, diante do silêncio de Deus, é apenas um ruído. Deus, em seu silêncio, representa um poder absoluto, e qualquer palavra seria uma forma de debilitá-lo; por isso, o silêncio divino é mais majestoso.

No tópico dedicado à **beleza** (p. 79-92), a arte, em sua experiência mais profunda, é uma vivência religiosa, conectando-nos com aquilo que nos supera, como uma epifania em que algo numinoso se manifesta. A arte nos aproxima do desconhecido, e a beleza se torna também sacramento. Em Platão, de certo modo, está presente a ideia de que a beleza é uma encarnação de Deus – uma presença real do divino na matéria.

Quando contemplamos o belo, temos a sensação real de que Deus existe. Weil, inspirada em Platão, mas com uma visão cristã, insiste que cada sentimento puro e genuíno de beleza é a manifestação real de Deus. A beleza é uma prova de que a encarnação é possível e, por isso, uma arte de qualidade é sempre, por natureza, uma manifestação da dimensão religiosa que habita o ser humano.

Aqui, Han retoma a importância da atenção profunda, capaz de contemplar a beleza sem desejar nem buscar. O belo se manifesta na distância, que é a própria essência da união com Deus. A beleza nos liberta do "engordamento" da alma, pois nos obriga a não devorar. A atitude diante do belo exige renúncia e respeito. Weil ainda assinala que muitos males e vícios do mundo têm a ver com a tentativa de "devorar" o belo – o que deveríamos fazer é apenas contemplar, não possuir. A imagem de Adão e Eva comendo o fruto é um símbolo dessa transgressão.

A salvação está na contemplação sem imposição. Se o futuro, o propósito e a imaginação nos amarram, o divino é um puro estar presente, sem propósito nem planos. A beleza como encarnação de Deus espiritualiza também a ciência, transformando, por exemplo, o trabalho em laboratório numa forma de oração. A beleza é um eco do silêncio divino. O verdadeiro artista não é o autor, mas um canal pelo qual Deus observa sua criação de um ângulo único. Quando uma obra brilha em comparação com a natureza, é porque o artista estava pleno de beleza divina.

Byung-Chul Han dedica as páginas 93 a 102 à **dor**. Han inicia afirmando (p. 95) que Simone Weil é um *homo doloris*, para quem a dor assume um papel fundamental, abrindo o ser humano para si mesmo e para o mundo que nos rodeia. Percebemos a realidade como resistência que se manifesta como dor. O real, que é duro e áspero, entra em nosso corpo como sofrimento. Num mundo em que se busca meramente o cômodo e o agradável, a realidade desaparece. Somente por meio da dor podemos aceder ao mundo, à beleza e ao amor.

O sofrimento permite que a beleza do mundo toque nosso corpo e alma. Sem a dor, esquecemos a nossa essência. O sofrimento tem a função de romper a nossa vontade e ensinar-nos a obediência. A finalidade da desgraça é mostrar que a criação de Deus é boa, apesar da dor. Simone desenvolve uma dialética da dor na cruz, por meio do sofrimento mais intenso, um momento decisivo em que se revela uma realidade superior.

A dor é como o milagre da técnica divina, pois é a força fria e crua de um mundo cego que golpeia a alma finita e rompe a barreira que separa a alma de seu Deus. Sem a dor não haveria acesso ao divino. Também o belo e o bom chegam à alma por meio da dor. Aqui, podemos falar de uma ética da misericórdia, que nasce do sofrimento que sentimos diante da dor alheia. A incapacidade para sentir dor leva, por fim, à falta de empatia.

Em nossa época, rejeitamos qualquer tipo de

dor, e nem mesmo o amor deve doer. Tudo se suaviza para se converter num produto de consumo, evitando qualquer intensidade que possa ferir. O "eu gosto" domina não somente as redes sociais, mas a cultura, como um analgésico que busca a todo custo evitar o sofrimento, em que nada deve doer. Nossa sociedade vive o simulacro de um mundo feliz – em que a felicidade é uma obrigação imposta.

Nesse mundo feliz, distribuem-se drogas para manter a população alegre e adormecida. Han cita Nietzsche (p. 100), que, na obra *Assim falou Zaratustra*, antecipou essa situação ao dizer: "um pouco de veneno de vez em quando pode produzir sonhos agradáveis". E, no final, muito veneno para uma morte de prazer, numa cultura da positividade que rechaça toda a negatividade. Negar a dor e maximizar a felicidade e o bem-estar, eis o novo imperativo categórico. A verdade é que, quando as despedidas doem, isso significa que as relações foram reais. A indiferença não dói, pois não há compromisso nem verdade.

Assim chegamos ao último conceito, o de **inatividade** (p. 103-115). Simone mostra a armadilha na qual se encontra o ser humano e suas criações, e apresenta, como exemplo, a relação do homem com a máquina. Ela aborda, em seu *Diário*, como a velocidade domina o trabalhador. Nas fábricas, o ritmo é tão acelerado que não permite nem pensar nem sonhar durante oito horas. Isso acontece, por exemplo, com as ordens dos "superiores" que chegam a qualquer momento e devem ser obedecidas em silêncio – independentemente de o indivíduo estar triste ou contente.

Na sociedade da disciplina, a relação entre amo e escravo ainda se distingue – e o escravo está subordinado a uma vontade alheia. No mundo atual, porém, amo e escravo fundem-se. A pessoa se torna empresária de si mesma, acreditando que é livre, quando, na verdade, é escrava de suas próprias pressões e autoexploração. Caímos numa espécie de obscenidade e desmedida que invade toda ação e pensamento e em que, de alguma maneira, todos somos idólatras.

A idolatria, que emudece o espírito, consiste no controle e nas ideias de "quantia", produção e consumo. O ser humano, nesse contexto, afoga-se na imanência do sem sentido. Para Simone, no entanto, o propósito na vida é construir uma arquitetura da alma – o que é possível nas cerimônias religiosas. O espírito se apaga se não se alimenta da transcendência – e, mais uma vez, é o silêncio que dá sentido espiritual à ação humana. Esse silêncio contemplativo espiritualiza a ação humana e acalma a atividade, convertendo-a em inatividade.

Evilázio Francisco Borges Teixeira

Doutor em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana (PUG), Itália. Doutor em Filosofia pela Pontificia Università Santo Tomás de Aquino (PUST), Itália. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Brasil.

Endereço para correspondência

Evilázio Francisco Borges Teixeira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-Graduação em Teologia

Escola de Humanidades

Av. Ipiranga, 6681, Prédio 8, 4º andar

90619-900, Partenon

Porto Alegre, RS, Brasil

Como citar esta resenha

Borges Teixeira, E. F. HAN, Byung-Chul. Sobre Dios: pensar con Simone Weil. Barcelona: Paidós, 2025. Teocomunicação, e50209. https://doi.org/10.15448/0103-314X.2026.1.50209

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.